

A VEREDA DE JOÃO

TRAÇOS DE *BILDUNGSROMAN* EM *LES MISÉRABLES* DE VICTOR HUGO

Mauri Cruz PREVIDE¹

Resumo: Este artigo visa demonstrar alguns traços de *Bildung* e educação no desenvolvimento moral de Jean Valjean, em *Les Misérables*, de Victor Hugo. Para tanto, expõe brevemente os elementos do *Bildungsroman* como gênero, para depois investigar quais deles se apresentam na vida desse herói hugoano. No caso de Jean Valjean, descobrimo-los nas provas morais por que passa no decorrer de sua vida e na figura do “preceptor”, representada pelo bispo de Digne, Dom Bienvenu. Conclui, por fim, que há outros traços do romance de formação, como os elementos picarescos presentes nas astúcias e nas máscaras (as diversas identidades) de Jean Valjean. Conclui também que, ainda hoje, o célebre romance de Victor Hugo pode contribuir para a formação do leitor do século XXI.

Palavras-Chave: Bildung. Educação. Les Misérables.

Quando pensamos em literatura de formação e educação, inevitavelmente lembramos de uma das mais ricas manifestações literárias, o *Bildungsroman*, romance de formação, que tem no *Wilhelm Meister* de Goethe seu expoente paradigmático. Se encaramos o *Bildungsroman* como um gênero particular do discurso romanescos, entramos em perigoso território no qual corremos constantemente o risco de derrapar. Afinal, podemos nos questionar em que medida a idéia de romance de formação não está tão intimamente ligada ao romance goethiano a ponto de considerarmos a tradição do gênero como uma série de obras que se alinham a partir do *Meister*. Neste sentido, é particularmente interessante a proposta de Wilma Patrícia Maas, que considera o “[...] *Bildungsroman* como um *signo literário*, construído pela conjunção do termo *Bildungsroman*, criado por Karl Morgenstern

¹ Mestre em Estudos Literários – UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Letras Modernas. Araraquara – SP – Brasil. Cep 14.800.901.

em 1803, e do romance de Goethe *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* [...]” (MAAS, 2000, p.261).

A citação de Morgenstern, aqui (embora reconhecível apenas para aqueles que estão familiarizados com a temática do romance de formação), é muito útil. Afinal, além de dar à luz o termo em questão, lança algumas bases que serão posteriormente desenvolvidas nos estudos sobre o *Bildungsroman*. Tais bases, por sinal, podem ser aproveitadas se, fugindo da polêmica do gênero e suas especificidades, chegarmos ao campo mais lato da temática de formação e educação aplicada à literatura. Tal ampliação, longe de ser uma flexibilização de rigor analítico, apenas aponta para as múltiplas possibilidades de tal enfoque. De acordo com Morgenstern, traduzido e citado por Maas (2000, p.46), o *Bildungsroman* tem tal nome:

[...] sobretudo devido ao seu conteúdo, porque [ele] representa a formação do protagonista em seu início e trajetória em direção a um grau determinado de perfectibilidade; em segundo lugar, também porque [...] promove a formação do leitor através dessa representação, de uma maneira muito mais ampla do que qualquer outro tipo de romance.

Esses elementos, tanto a trajetória aprimorada quanto o caráter exemplar para o leitor, são particularmente importantes para o pensamento da literatura de formação e educação em geral. Somando-se, a esses dois aspectos, mais três (comentados por Wilma Patrícia Maas (2000), ao tratar da constituição do paradigma literário do gênero), no caso o elemento picaresco, a aproximação pietista e os elementos de aventura e viagem, chegamos a um universo capaz de embasar adequadamente um dos grandes romances da literatura ocidental, *Os Miseráveis*, de Victor Hugo.

Dada a natureza ciclópica do romance hugoano, tanto em seu volume quanto em sua complexidade, é interessante que os limites desta discussão estabeleçam um recorte específico. No caso, propomos um comentário sobre os aspectos formativos na evolução moral do protagonista do romance, Jean Valjean. Encontramos um primeiro aspecto de formação nas provas por que passa o personagem. Suas virtudes estão sempre sendo testadas, especialmente em três momentos da narrativa, quando o herói se vê na encruzilhada do bem e do mal. São eles: no episódio em que ele rouba uma moeda do menino Gervais, logo após o perdão dado pelo Bispo de Digne; a noite que antecede a revelação voluntária de sua identidade no caso Champmathieu (um homem que seria mandado às galés por ter sido identificado como sendo o fugitivo Jean Valjean)

e, finalmente, sua situação diante da felicidade de Cosette, quando ela se casa com Marius. Essas três situações-limites colocam o herói em profundas crises de consciência. Por isso tudo, verifica-se, no decorrer da narrativa, que Jean Valjean é um homem em devir, em evolução, e não uma “unidade estática”. Ele tem, ademais, consciência de sua inadaptação à sociedade, de sua condição de “monstro vomitado”, devido ao estigma de ex-grilheta que carrega e cuja solução encontrar-se-á apenas na morte.

Uma outra característica dos romances de formação é a presença de um preceptor que, no caso mais lato da formação em *Les Misérables*, é um tanto velada. O Bispo de Digne, Dom Bienvenu, mesmo encontrando-se com o protagonista apenas uma vez, torna-se, de certo modo, o seu preceptor a distância. Jean Valjean seguirá à risca as lições e os passos de Dom Bienvenu, aprendendo a cultivar e a formar não apenas o próprio espírito, mas também o daqueles que estão a sua volta, especialmente o de Cosette, conforme se verifica no decorrer do romance.

Assim, discorreremos acerca de cada um desses traços presentes em *Les Misérables*, a saber: a evolução e as provações do herói, partindo de um estado inicial de embrutecimento e sua inadaptação ao mundo, bem como a figura do preceptor. Por meio de tal enfoque, veremos como encontramos o ideal de *Bildung* transfigurado na redenção daquele que se transforma ao se formar.

A vereda cujo caminho se bifurca.

No romance, no ano de 1815, Jean Valjean deixa as galés, onde ficara desde 1796 por causa do roubo de um pão (sua pena foi majorada devido às diversas tentativas de fuga). Libertado, o herói, que ia de Toulon a Pontarlier, chega em Digne depois de longa caminhada. No livro segundo da primeira parte, capítulo VII, intitulado “*Le dedans du désespoir*”, a narrativa nos coloca diante de um Jean Valjean justo, porém revoltado. Julga a si mesmo e não se reconhece como inocente. Porém, num segundo momento, julga a sociedade como culpada pela sua desgraça e a condena ao seu ódio. A situação inicial do herói beira a animalidade, conforme podemos constatar no seguinte excerto:

Le propre des peines de cette nature, dans lesquelles domine ce qui est impitoyable, c'est-à-dire ce qui est abrutissant, c'est de transformer peu à peu, par une sorte de transfiguration stupide, un homme en une bête fauve. Quelquefois en une bête féroce. Les tentatives d'évasion de Jean Valjean, successives et obstinées, suffiraient à prouver cet étrange travail fait par la loi sur l'âme humaine. Jean Valjean eût renouvelé ces tentatives, si parfaitement inutiles et folles, autant de fois que l'occasion s'en fût présentée,

sans songer un instant au résultat, ni aux expériences déjà faites. Il s'échappait impétueusement comme le loup qui trouve la cage ouverte. L'instinct lui disait: sauve-toi! Le raisonnement lui eût dit: reste! Mais, devant une tentation si violente, le raisonnement avait disparu; il n'y avait plus que l'instinct. La bête seule agissait. (HUGO, 1995, v.1, p.145).

Estamos diante do herói animalizado pelo “estranho trabalho da lei sobre a alma humana”, pelas sentenças impiedosas que seguem à risca a letra desta lei. A “besta feroz” age apenas por instinto e facilmente cede às tentações. Nessa bruta condição inicial e disposto a reincidir em crimes, é em Digne que Jean Valjean vai obter a sua redenção, passando por uma estreita vereda, cujo caminho perigosamente se bifurca entre o Bem e o Mal. Seu nome, por sinal, é sintomático de seu destino, pois, possui a repetição de “Jean”, que significa “a dádiva do Senhor”, circundando “*val*”, que significa justamente “vale estreito”.

Antes de encontrar o bispo, experimenta a humilhação provocada por seu estigma. Sua degradação salta aos olhos através de um percurso espacial: o ex-forçado, portador de passaporte amarelo, busca obter abrigo em Digne primeiramente em uma estalagem, depois em uma taverna, daí seguindo para a cadeia local. Todas as tentativas malogram logo após a descoberta de sua identidade. Ele procura, ainda, conseguir ajuda em uma casa de família e, finalmente, em última tentativa, busca dormir em uma casa de cachorro, que julgara ser uma cabana desocupada. Dali também é expulso pelo animal que a habita:

[...] l'étranger aperçut dans un des jardins qui bordent la rue une sorte de butte qui lui parut maçonnée en mottes de gazon.[...] En ce moment un grondement farouche se fit entendre. Il leva ses yeux. La tête d'un dogue énorme se dessinait dans l'ombre à l'ouverture de la butte. C'était la niche d'un chien. (HUGO, 1995, v.1, p.115).

Nem mesmo esse espaço socialmente desvalorizado o aceita. Em Digne, todos lhe negam pouso, com exceção do Bispo, que o hospeda em sua própria casa. Não obstante, “besta feroz” seguidora de seus impulsos mais primitivos, Jean Valjean desperta antes daquele que o acolheu e furta seus talheres de prata. Apanhado pela polícia, ele é trazido à presença do clérigo. Dom Bienvenu declara aos soldados que havia dado os talheres a Jean Valjean e, dirigindo-se a este, afirma que ele esquecera de levar os dois castiçais de prata. O fato muito surpreende o ex-forçado, que retoma o seu caminho. Num bosque próximo de Digne, ainda furta uma moeda a um menino saboiano, chamado Gervais. O perdão do bispo e a subsequente recidiva provocam uma terrível crise de consciência em Jean Valjean. A partir deste momento crucial, ele opta, dentro de

uma perspectiva cristã, pelo caminho do Bem. Aliás, o segundo livro da primeira parte intitula-se “*La chute*” (A queda). Queda, sim, pois o herói fraqueja depois do perdão ao roubar uma mísera moeda de uma criança, o que agrava ainda mais sua falta. Porém, moral e espiritualmente falando, era o pecado que faltava para que ele caísse em si. Com a prataria e os castiçais, Dom Bienvenu literalmente resgata a alma de Jean Valjean. O roubo ao saboiano leva o ex-forçado a uma tal crise de consciência que acaba por obrigá-lo a fazer a opção pelo Bem. É o momento decisivo a partir do qual vai se operar uma profunda transformação do caráter do herói, o que comprova a sua condição de “homem em devir”, sua tendência a uma formação pessoal capaz de aprimorá-lo.

Após os duros percalços da provação, é chegada a hora da redenção de Jean Valjean. Ele está, literalmente, diante de uma perigosa encruzilhada. É chegado o momento em que ele deve fazer a opção entre o Bem e o Mal, entre “amar” e “odiar”. Para que isso ocorra, no entanto, uma falta é necessária. O roubo, que o levará a questionamentos ímpares e definitivos em sua existência, ocorrera num campo deserto. Jean Valjean tenta encontrar a vítima para ressarcir-la. Diante de uma encruzilhada, ele pára. Eis, na narrativa, um dos momentos mais sublimes da vida do protagonista:

En présence de toutes ces lueurs, il allait comme un homme ivre. Pendant qu'il marchait ainsi, les yeux hagards, avait-il une perception distincte de ce qui pourrait résulter pour lui de son aventure à Digne? Entendait-il tous ces bourdonnements mystérieux qui avertissent ou importunent l'esprit à de certains moments de la vie? Une voix lui disait-elle à l'oreille qu'il venait de traverser l'heure solennelle de sa destinée, qu'il n'y avait plus de milieu pour lui, que si désormais il n'était pas le meilleur des hommes il en serait le pire, qu'il fallait pour ainsi dire que maintenant il montât plus haut que l'évêque ou retombât plus bas que le galérien, que s'il voulait devenir bon il fallait qu'il devînt ange; que s'il voulait rester méchant, il fallait qu'il devînt monstre? (HUGO, 1995, v.1, p.170).

Nesta seqüência ocorrem as indagações. Ele começa a perceber as reais dimensões que sua passagem por Digne representou para a sua elevação moral. No entanto, o narrador apenas indaga, o que significa que, ao menos neste momento, ele não participa completamente da intimidade da personagem, que sua onisciência não é completa. Mas, a leitura da obra permite ao leitor afirmar: sim, Jean Valjean compreendeu tudo aquilo e fez a sua opção pelo Bem. Opta pelo anjo em detrimento do monstro, ambos escondidos dentro de si, e dispostos a aflorar a qualquer momento. O meio termo não era mais possível, e ele deveria elevar-se até mesmo acima daquele que pode ser considerado seu preceptor. Vejamos como se conclui essa parte da história:

Par un de ces effets singuliers qui sont propres à ces sortes d'extases, à mesure que sa rêverie se prolongeait, l'évêque grandissait et resplendissait à ses yeux, Jean Valjean s'amoindrisait et s'effaçait. À un certain moment il ne fut plus qu'une ombre. Tout à coup il disparut. L'évêque seul était resté. Il remplissait toute l'âme de ce misérable d'un rayonnement magnifique. Jean Valjean pleura longtemps. Il pleura à chaudes larmes, il pleura à sanglots [...]. Pendant qu'il pleurait, le jour se faisait de plus en plus dans son cerveau, un jour extraordinaire, un jour ravissant et terrible à la fois. Sa vie passée, sa première faute, sa longue expiation, son abrutissement extérieur, son endurcissement intérieur, sa mise en liberté réjouie par tant de plans de vengeance, ce qui lui était arrivé chez l'évêque, la dernière chose qu'il avait faite, ce vol de quarante sous à un enfant, crime d'autant plus lâche et d'autant plus monstrueux qu'il venait après le pardon de l'évêque, tout cela lui revint et lui apparut, clairement, mais dans une clarté qu'il n'avait jamais vue jusque-là. Il regarda sa vie, et elle lui parut horrible; son âme, et elle lui parut affreuse. Cependant un jour doux était sur cette vie et sur cette âme. Il lui semblait qu'il voyait Satan à la lumière du paradis. Combien d'heures pleura-t-il ainsi? que fit-il après avoir pleuré? où alla-t-il? on ne l'a jamais su. Il paraît seulement avéré que, dans cette même nuit, le voiturier qui faisait à cette époque le service de Grenoble et qui arrivait à Digne vers trois heures du matin, vit en traversant la rue de l'évêché un homme dans l'attitude de la prière, à genoux sur le pavé, dans l'ombre, devant la porte de monseigneur Bienvenu. (HUGO, 1995, v.1, p.172-173).

Nessa última parte, temos a narrativa de um devaneio do herói, no qual a imagem do bispo ofusca a sua, até que ele se torne apenas uma sombra e reste apenas a de seu benfeitor. Aqui, o Bem apaga o Mal; a Luz cobre as Trevas.

Agora ele revê toda a sua vida pregressa, especialmente aquele dia que, paradoxalmente, fora encantador e terrível (*ravissant et terrible*). Avalia os fatos mais importantes para ele até ali – a falta, a expiação, seu embrutecimento e o roubo de uma moeda a um menino – tudo se lhe afigura agora com muita nitidez. Reconhece que sua vida foi horrível e que sua alma é execrável. Chega ao paradoxo de se conceber como Satã iluminado pela luz do Paraíso. Isso tudo o conduz para o Bem. Ajoelha-se diante da casa do Bispo. Dali em diante ele será o anjo, o anjo que, após a queda primordial, encontrou a possibilidade de redenção, de volta ao paraíso perdido.

No entanto, em outros momentos cruciais da narrativa, a besta feroz está sempre prestes a emergir. Sua condição é problemática e problematizante, embora sua transfiguração já se tivesse operado:

Nous n'avons que peu de chose à ajouter à ce que le lecteur connaît déjà de ce qui était arrivé à Jean Valjean depuis l'aventure de Petit-Gervais. À partir de ce moment, on l'a vu, il fut un autre homme. Ce que l'évêque avait voulu faire de lui, il l'exécuta. Ce fut plus qu'une transformation, ce fut une transfiguration. (HUGO, 1995, v.1, p.302).

Um momento assaz representativo desta sua situação é a noite anterior à revelação voluntária de sua identidade no caso Champmathieu, nas páginas seguintes ao excerto acima. Nessa época, o herói vivia em Montreuil-sur-Mer sob a figura do insuspeito e respeitado senhor Madeleine. Mas, como dissemos, a besta está sempre disposta a aflorar. O instinto está sempre pronto para pelejar com a razão. É um outro personagem, Javert, quem revela ao senhor Madeleine que Jean Valjean fora recapturado e seria reenviado às galés: na verdade, um outro homem, Champmathieu, fora com ele confundido devido a semelhanças físicas. Madeleine decide ir ao julgamento para revelar-se e fazer justiça, mas suas dúvidas são grandes e as crises de consciência são terríveis. Muitas vezes o herói não se guia por valores absolutos. O título do capítulo III do livro sétimo da primeira parte é bastante ilustrativo desta situação: “*Une tempête sous un crâne*”. Tempestade provocada pelo fantasma de Jean Valjean que assombra o senhor Madeleine: “[...] *que le jour où ce nom reparaitrait, il ferait évanouir autour de lui sa vie nouvelle, et qui sait même peut-être? au dedans de lui sa nouvelle âme*” (HUGO, 1995, v.1, p.305-306).

Jean Valjean não consegue chegar a uma decisão pacífica a respeito de se revelar ou não no julgamento de Champmathieu. Num primeiro momento daquela terrível noite, ele crê que deve mesmo se entregar e livrar aquele que, injustamente, iria para as galés em seu lugar:

[...] sauver cet homme frappé d'une si lugubre erreur, reprendre son nom, redevenir par devoir le forçat Jean Valjean, c'était là vraiment achever sa résurrection, et fermer à jamais l'enfer d'où il sortait! [...] Il sentait que l'évêque était là, que l'évêque était d'autant plus présent qu'il était mort, que l'évêque le regardait fixement, que désormais le maire Madeleine avec toutes ses vertus lui serait abominable, et que le galérien Jean Valjean serait admirable et pur devant lui. Que les hommes voyaient son masque, mais que l'évêque voyait sa face. Que les hommes voyaient sa vie, mais que l'évêque voyait sa conscience. Il fallait donc aller à Arras, délivrer le faux Jean Valjean, dénoncer le véritable! (HUGO, 1995, v.1, p.310).

Pouco depois ele descobre novos argumentos para continuar sob a identidade de Madeleine:

– Ah çà, mais! jusqu'ici je n'ai considéré que moi! je n'ai eu égard qu'à ma convenance! Il me convient de me taire ou de me dénoncer, - cacher ma personne ou sauver mon âme, – être un magistrat méprisable et respecté ou un galérien infâme et vénérable, c'est moi, c'est toujours moi, ce n'est que moi! [...] Si je disparais, qu'arrive-t-il? La mère meurt. L'enfant devient ce qu'il peut. Voilà ce qui se passe, si je me dénonce. (HUGO, 1995, v.1, p.313-314).

Esses novos argumentos consistem nas responsabilidades do senhor Madeleine para com seus próximos, em especial Fantine (*la mère*) e Cosette

(*l'enfant*). Mas nem essas novas razões lhe permitem uma decisão definitiva. Jean Valjean vai para Arras, enfrentando diversos percalços: arrosta uma estrada enlameada e esburacada, e vê quebrar a roda de seu cabriolé. Nesse contexto, ele estabelece para si mesmo uma espécie de ordália, de um juízo de Deus, pois se Este decidisse que o senhor Madeleine deveria continuar em seu posto, Jean Valjean não conseguiria chegar a Arras. No entanto, surge uma solução inesperada para o cabriolé quebrado. O protagonista continua seu percurso e consegue chegar ao julgamento. Quando se ia pronunciar a condenação de Champmathieu, o prefeito de Montreuil-sur-Mer se entrega. Volta para as galés, mas consegue evadir-se novamente. Ele educa Cosette num convento. Quando moça, ambos vão residir em Paris. Cosette conhece Marius e eles se casam.

A felicidade de Cosette no casamento coloca o herói diante de uma nova encruzilhada. Ex-forçado que é, ele não se permite compartilhar da nova situação de sua suposta filha. É a bifurcação definitiva. O fantasma de Jean Valjean assombra agora o senhor Ultime Fauchelevent, identidade sob a qual passou a viver desde que começou a trabalhar como jardineiro no convento *Petit-Picpus*. Ele se recusa a viver sob mais uma máscara. Quando revela a Marius sua verdadeira condição de ex-grilheta, Jean Valjean vai sendo paulatinamente expulso da mansão do senhor Gillenormand, o burguês avô de Marius. Este deseja um reatamento definitivo com o herói apenas a partir do momento em que descobre que o próprio Jean Valjean o salvara quando fora baleado nas barricadas. Mas já era tarde: Jean Valjean já havia escolhido o caminho na derradeira bifurcação, o caminho da morte:

— *C'est bien vrai que ce serait charmant de vivre ensemble. Ils ont des oiseaux plein leurs arbres. Je me promènerais avec Cosette. Être des gens qui vivent, qui se disent bonjour, qui s'appellent dans le jardin, c'est doux. On se voit dès le matin. Nous cultiverions chacun un petit coin. Elle me ferait manger ses fraises, je lui ferais cueillir mes roses. Ce serait charmant. Seulement...*(HUGO, 1995, v.2, p.879).

Seulement... Jean Valjean deixa em suspenso uma ressalva à vida feliz que poderia ter tido com Cosette e o marido. Essa ressalva fica evidente ao leitor: tudo aquilo teria acontecido se o herói não fosse um inadaptado, um estigmatizado, se ele não precisasse viver constantemente sob máscaras. Aliás, essa é a sua única característica imutável depois do seu encontro com o bispo. Se seu destino não é voltar para as galés, é certamente a morte. Em mais uma fala significativa do protagonista, um pouco mais à frente, vemos que:

— *Quand vous me reprendriez, monsieur Pontmercy, cela ferait-il que je ne sois pas ce que je suis? Non, Dieu a pensé comme vous et moi, et il ne change pas d'avis; il est utile que je m'en aille. La mort est un*

bon arrangement. Dieu sait mieux que nous ce qu'il nous faut. Que vous soyez heureux, que monsieur Pontmercy ait Cosette, que la jeunesse épouse le matin, qu'il y ait autour de vous, mes enfants, des lilas et des rossignols, que votre vie soit une belle pelouse avec du soleil, que tous les enchantements du ciel vous remplissent l'âme, et maintenant, mois qui ne suis bon à rien, que je meure, il est sûr que tout cela est bien. (HUGO, 1995, v.2, p.880-881).

Para tudo isso contribuiu o sacerdote de Digne. Aliás, conforme já dissemos, podemos identificar a figura do Bispo com a clássica figura dos preceptores do romance de formação, em particular, e da literatura de formação e educação, em geral. Não obstante, Dom Bienvenu ocupa apenas um dia da vida de Jean Valjean, ao contrário do preceptor no sentido estrito do termo. Apesar disso, a atuação e a força do Bispo sobre o herói permanecerão por toda a vida deste último, inclusive no momento da morte, conforme veremos, sempre moldando o seu caráter, sempre resgatando sua alma a cada vez que fosse preciso, sempre impedindo uma possível recaída na vida criminoso. Em última análise, o Bispo sempre esteve ao seu lado jardinando seu espírito que, aliás, revelou-se terreno bastante fértil, para usar de uma metáfora do próprio Dom Bienvenu e segundo a qual “*l'esprit est un jardin*” (HUGO, 1995, v.1, p.55).

A jardinagem pode ser considerada, no bojo da obra, a grande metáfora da formação ou da deformação do caráter humano, fato que podemos comprovar com um excerto bastante significativo e que nos fala clara e diretamente:

On croyait deviner qu'il avait dû vivre jadis de la vie des champs, car il avait toutes sortes de secrets utiles qu'il enseignait aux paysans. Il leur apprenait à détruire la teigne des blés en aspergeant le grenier et en inondant les fentes du plancher d'une dissolution de sel commun, et à chasser les charançons en suspendant partout, aux murs et aux toits, dans les herbages et dans les maisons, de l'orviot en fleur. Il avait des “recettes” pour extirper d'un champ la luzette, la nielle, la vesce, la gaverolle, la queue-de-renard, toutes les herbes parasites qui mangent le blé. Il défendait une lapinière contre les rats rien qu'avec l'odeur d'un petit cochon de Barbarie qu'il y mettait.

Un jour il voyait des gens du pays très occupés à arracher des orties. Il regarda ce tas de plantes déracinées et déjà desséchées, et dit: — C'est mort. Cela serait pourtant bon si l'on savait s'en servir. Quand l'ortie est jeune, la feuille est un légume excellent; quand elle vieillit, elle a des filaments et des fibres comme le chanvre et le lin. La toile d'ortie vaut la toile de chanvre. Hachée, l'ortie est bonne pour la volaille; broyée, elle est bonne pour les bêtes à cornes. La graine de l'ortie mêlée au fourrage donne du luisant au poil des animaux; la racine mêlée au sel produit une belle couleur jaune. C'est du reste un excellent foin qu'on peut faucher deux fois. Et que faut-il à l'ortie? Peu de terre, nul soin, nulle culture. Seulement la graine tombe à mesure qu'elle mûrit, et est difficile à récolter. Voilà tout. Avec quelque peine qu'on prendrait, l'ortie serait utile; on la néglige, elle devient nuisible. Alors on la tue. Que d'hommes ressemblent à l'ortie! — Il ajouta après un silence: Mes amis, retenez ceci, il n'y

a ni mauvaises herbes ni mauvais hommes. Il n'y a que de mauvais cultivateurs. (HUGO, 1995, v.1, p.233-234).

No primeiro parágrafo deste trecho predominam ações como *extirpar*, de *matar*, de *descartar* tudo aquilo que é nocivo (“*apprenait à détruire la teigne*”, “*chasser les charançons*”, ou, ainda, “*extirper d'un champ la luzette*”). No segundo, entretanto, domina a ação de “cultivar” e “tornar útil” o que pode ser nocivo, como é o caso da urtiga, que pode ser usada como legume, como tecido, como alimento para aves domésticas ou para o gado *vacum*, e como feno. Sua semente pode ser usada também para tratar o pêlo dos animais. E toda essa utilidade não requer apenas atenção por parte do cultivador e nenhuma cultura (“*Peu de terre*”, “*nul soin*”, “*nulle culture*”). A personagem termina por comparar os homens às urtigas. Isso remete-nos à metáfora do bispo, acima mencionada, e segundo a qual “o espírito é um jardim”. Ora, segundo o texto, não há homens, mas cultivadores maus (“*il n'y a ni mauvaises herbes ni mauvais hommes. Il n'y a que de mauvais cultivateurs*”). Se Jean Valjean soube “jardinar” seu espírito de forma bastante satisfatória de acordo com a doutrina cristã, como “bom cultivador” que se tornou após o encontro com Dom Bienvenu, o mesmo não se pode dizer de outros personagens do romance (caso de Thénardier, um golpista, aquele a quem faltou, por assim dizer, um preceptor). Tal fato vem ressaltar o caráter único e especial da formação do herói de *Les Misérables*.

É aquele que pretendemos caracterizar como preceptor de Jean Valjean, o bispo de Digne, que transforma seu discípulo um exímio artista da jardinagem do espírito. Em algumas passagens do romance podemos observar como Dom Bienvenu vai se caracterizando como o verdadeiro e único mestre do herói protagonista. Logo após o roubo da moeda do menino Gervais (e, aqui, dado seu caráter exemplar, vale repetirmos uma pequena passagem citada acima):

Il se contempla donc, pour ainsi dire, face à face, et en même temps, à travers cette hallucination, il voyait dans une profondeur mystérieuse une sorte de lumière qu'il prit d'abord pour un flambeau. En regardant avec plus d'attention, cette lumière qui apparaissait à sa conscience, il reconnut qu'elle avait la forme humaine, et que ce flambeau était l'évêque.

Sa conscience considéra tour à tour ces deux hommes ainsi placés devant elle, l'évêque et Jean Valjean. Il n'avait pas fallu moins que le premier pour détrempier le second. Par uns de ces effets singuliers qui sont propres à ces sortes d'extases, à mesure que sa rêverie se prolongeait, l'évêque grandissait et resplendissait à ses yeux, Jean Valjean s'amoindrissait et s'effaçait. À un certain moment il ne fut plus qu'une ombre. Tout à coup il disparut. L'évêque seul était resté. (HUGO, 1995, v.1, p.172).

E, quando o senhor Madeleine fica de luto pela morte do bispo, a importância deste é ainda mais ressaltada:

A Vereda de João traços de *Bildungsroman* em *Les Misérables* de Victor Hugo

L'annonce de sa mort fut reproduite par le journal local de Montreuil-sur-mer. M. Madeleine parut le lendemain tout en noir avec un crêpe à son chapeau.

On remarqua dans la ville ce deuil, et l'on jasa. Cela parut une lueur sur l'origine de M. Madeleine. On en conclut qu'il avait quelque alliance avec le vénérable évêque. Il drapa pour l'évêque de Digne, dirent les salons, cela rebaussa fort M. Madeleine, et lui donna subitement et d'emblée une certaine considération dans le monde noble de Montreuil-sur-mer. (HUGO, 1995, v.1, p.237).

Ou ainda quando Jean Valjean decide se entregar no julgamento de Champmathieu:

[...] *Il sentait que l'évêque était là, que l'évêque était d'autant plus présent qu'il était mort, que l'évêque le regardait fixement, que désormais le maire Madeleine avec toutes ses vertus lui serait abominable, et que le galérien Jean Valjean serait admirable et pur devant lui. Que les hommes voyaient son masque, mais que l'évêque voyait sa face. Que les hommes voyaient sa vie, mais que l'évêque voyait sa conscience.* (HUGO, 1995, v.1, p.310).

Finalmente, o bispo está presente no momento da morte do herói, quando a porteira lhe pergunta se ele desejava a presença de um padre:

– *Voulez-vous un prêtre?*

– *J'en ai un, répondit Jean Valjean.*

Et, du doigt, il sembla désigner un point au-dessus de sa tête où l'on eût dit qu'il voyait quelqu'un.

Il est probable que l'évêque en effet assistait à cette agonie. (HUGO, 1995, v.1, p.883).

Eis como os aspectos de formação em literatura podem ser indicadores da expiação, da salvação, da redenção. Em *Les Misérables*, tal papel cabe, conforme já dissemos citando Wilma Patrícia Maas (2000), aos elementos picarescos (seja por meio da astúcia e das máscaras de Jean Valjean, seja por meio daqueles com que se relaciona), a uma aproximação pietista (marcadamente na conversão aprimoradora do herói) e às movimentações espaciais que espelham os movimentos transformadores da alma de Jean Valjean. Mas o mais importante, aqui, talvez sejam os dois elementos lembrados de início por Morgenstern, o aprimoramento progressivo rumo à perfeição, e o aspecto exemplar para o leitor. Se o primeiro sintetiza o caminho da redenção de Valjean, o segundo aponta para além dos limites das páginas do romance, chegando até nós, com a promessa de uma formação e aprimoramento pessoal capaz de nos ajudar a transpor as difíceis veredas com as quais nos deparamos. E, quando conseguimos este pequeno e essencial milagre, podemos encontrar, das profundezas da miséria, o sonho também da expiação, da salvação, da redenção.



Jean's Path

Elements of Bildungsroman in Victor Hugo's Les Misérables

Abstract: This article aims to demonstrate some traces of bildung and improvement in the moral development of Jean Valjean, in Victor Hugo's Les Misérables. Firstly, the elements of the Bildungsroman are briefly exposed and following the elements which apply to Jean Valjean are investigated. They are evident through the moral proves the protagonist undergoes throughout his life and through the figure of the "tutor" – bishop of Digne, Don Bienvenu. Finally, it is concluded that other elements of the Bildungsroman are also present: the picaresque elements of the sagacity and the masks (different identities) of Jean Valjean. It is also concluded that Victor Hugo still represents a contribution to the bildungs of the 21 Century reader.

Keywords: Bildungsroman. Victor Hugo. Les Misérables.

Referências

HUGO, V. **Les misérables**. Paris: Gallimard, 1995. 2v.

MAAS, W. **O cânone mínimo**:o Bildungsroman na história da literatura. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.